



## “VENHA VER O PÔR-DO-SOL”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES: A MEMÓRIA TRAUMÁTICA DA MORTE

Marília Milhomem Moscoso Maia<sup>1</sup>

Sandra Maria Nascimento Sousa<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre a experiência da memória traumática da morte a partir da perspectiva narrativa do conto “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Telles. Utilizando como fundamentação teórica estudos dos autores Yi-Fu Tuan (2013), Edward Relph (2012), Michael Pollack (1992), Paul Ricoeur (2007) e Maurice Halbwachs (2006), intentamos uma interpretação da obra no que tange ao relacionamento amoroso do casal Ricardo e Raquel, destacando como questões sobre memória, identidade e espaço eclodem em momentos tensos da narrativa. Compreendemos assim, o potencial do conto de construir uma memória traumática da morte na personagem Raquel, a partir de sua *Via-crúcis*, que vai do seu encontro com o ex-namorado até o seu mausoléu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Morte; Identidade; Espaço.

**ABSTRACT:** The present article aims to discuss the experience of the traumatic memory of death from the narrative perspective of the tale “Come and see the sunset” by Lygia Fagundes Telles. Using the theoretical basis of studies by authors such as Yi-Fu Tuan (2013), Edward Relph (2012), Michael Pollack (1992), Paul Ricoeur (2007) and Maurice Halbwachs (2006), we try to interpret the work to the romantic relationship of the couple Ricardo and Raquel, highlighting how questions about memory, identity and space hatch in tense moments of the narrative. We thus understand the potential of the tale to build a traumatic memory of death in the character Raquel, from his *Via Crucis*, which goes from his encounter with the ex-boyfriend to his mausoleum.

**KEY-WORDS:** Memory; Death; Identity; Space.

### 1. INTRODUÇÃO

A partir do conto *Venha ver o pôr do sol* de Lygia Fagundes Telles, discute-se sobre aspectos da experiência da memória traumática da morte, tendo por base a

história fictícia de um casal de jovens que se encontra as escondidas em um cemitério e começam a lembrar o tempo em que namoravam. Ao longo da narrativa, surgem questões sobre memória, identidade e espaço culminando em uma escrita tensa e dramática. Falar da memória não é algo fácil e analisá-las cientificamente tem sido uma tarefa árdua ao envolver vários agentes, como a busca da consolidação de aspectos do eu e do outro, de grupos específicos e de acontecimentos reproduzidos por um indivíduo ou por um grupo.

Utilizando como fundamentação teórica as contribuições de Yi-Fu Tuan (2013), Edward Relph (2012), Maurice Halbwachs (2006), Michael Pollak (1992) e Paul Ricoeur (2007), a primeira parte trará um panorama sucinto do conto em relação aos processos de memória a partir de sua constituição, enquanto construção coletiva. Sabendo que a memória tem uma grande relevância para a compreensão de estruturas políticas e sociais, assim como as produções de ficção, a segunda parte deste trabalho discorre sobre noções de identidade e de espaço construídas por Lygia Fagundes Telles num contexto de construção do silenciamento eterno da personagem Raquel e dos traumas existentes no conto, pois a experiência traumática também é uma memória.

Portanto, as memórias individuais e a experiência amorosa que Ricardo teve com Raquel e a condição dela de integrante de uma nova classe social foi o gatilho inicial para que o ex-amante planejasse e executasse a morte da jovem. Em algumas partes do conto, o personagem masculino aciona uma memória subterrânea, que segundo Pollak (1989), são lembranças da zona das sombras, dos silêncios e não-ditos, que vindo à tona mobiliza fortes sentimentos detonadores de sua ação, deixando, por sua vez, o (a) leitor (a) sem saber se este já não teria feito a mesma coisa com outras mulheres.

## 2. A MEMÓRIA E OS SEUS PROCESSOS

Michael Pollak (1992) destaca, a priori, que a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo e próprio da pessoa, contudo aproxima-se de Maurice Halbwachs (2006) ao afirmar que a memória não deve ser entendida apenas como um constructo individual, mas como uma constituição coletiva e social. Para ele,

[...] a memória coletiva é reconstruída a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros. Elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Mas o que constitui uma memória? Que tipos de elementos socioculturais a formam? Vários estudiosos detêm-se nessas indagações. Segundo Pollak (1992), em primeiro lugar, os elementos que a constituem são os acontecimentos *vividos pessoalmente* e, em segundo lugar, são os acontecimentos *vividos por tabela*, isto é, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Os acontecimentos vividos por tabela se constituem como aqueles, nos quais, “a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201).

No conto aqui analisado, a escritora cria uma espécie de testemunho ao reconstruir uma história, onde o narrador se coloca em uma posição de saber de tudo e de todos. Este narrador acompanha todo o desenrolar dos fatos e acaba sendo cúmplice de um crime terrível. Aqui, o (a) leitor (a) não participa do acontecimento em si, mas da construção de uma situação e de um imaginário que acaba nos inserindo na história, tornando quase impossível saber se participamos ou não deste testemunho construído por Lygia Fagundes Telles. Logo, ao final, tanto o narrador quanto o (a) leitor (a) se tornam testemunhas de um crime frio e bárbaro.

Outro aspecto importante, além dos acontecimentos, diz respeito a processos de construção da memória. Ela é construída através das nossas lembranças e de outras pessoas, que podem não estar presentes sob uma forma material e sensível, mas que podem confirmar ou recordar essas mesmas lembranças.

Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (não em aparência, mas realmente sós), cuja imagem não esteja no conjunto do pensamento de nenhum conjunto de indivíduos (HALBWACHS, 2006, p. 42).

Pessoas e personagens, na literatura, podem se constituir como testemunhas de acontecimentos. Personagens, que se tornam para nós leitores (as), conhecidos, mesmo que ocupando um espaço-tempo diferente. Por exemplo, a história e as experiências construídas e vividas pelo casal fictício da narrativa de Lígia Fagundes Telles e os problemas que acabaram com o relacionamento podem ser comuns a qualquer casal, fora da ficção. A descrição do relacionamento cheio de altos e baixos, a forma como os dois se encontravam às escondidas e as mudanças de comportamento de ambos “podem servir de base à lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela” (POLLAK, 1992, p. 202). Portanto, “[...] locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem

constituir lugar importante para a memória do grupo e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo” (POLLAK, 1992, p. 202).

Lígia Fagundes Telles é capaz de construir com sua narrativa uma memória visual e fotográfica. Ela compõe, com a sua escrita, um cenário cheio de detalhes, dando ênfase a alguns pontos em detrimento de outros. As escolhas que ela faz não são aleatórias, tudo se encaixa perfeitamente na narrativa. A escrita do primeiro parágrafo do conto é bastante visual.

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde (TELLES, 1970, p. 1).

“Dados ficcionais ou até mesmo narrativas fictícias reaparecem porque os outros nos fazem recordá-las” (HALBWACHS, 2006, p. 41). Assim, alguns elementos presentes no conto podem muito bem dizer respeito a acontecimentos, lugares e personagens reais. Tudo é resultado de um processo de memória e toda memória é coletiva e não apenas um produto exclusivamente individual. “A memória é um fenômeno construído” (POLLAK, 1992, p. 204) e compreende um processo entre o eu e o outro.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante (TELLES, 1970, p. 1).

Na passagem acima, o narrador consolida e atualiza uma memória coletiva ao descrever Ricardo com “um jeito jovial de estudante”. Usa a representação de uma unidade física ao descrever o corpo masculino do personagem e de uma unidade coletiva, pois todos possuem inconscientemente a representação mental de um estudante, pois “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo” (POLLAK, 1992, p. 204).

Pollak (1992) e Halbwachs (2006), afirmam que a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado na mente do indivíduo. Ela também pode ser herdada, não se reporta apenas à vida física da pessoa. “A memória também sofre flutuações que são funções do momento em que ela é articulada, em que ela

está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória” (POLLAK, 1992, p. 204).

Os modos de construção da memória podem ser conscientes e inconscientes. Ela pode eclodir em qualquer momento ou situação, pode ser agradável ou não. Na narrativa, Ricardo construiu para si uma imagem mental de Raquel que não condiz mais com a imagem que ele vê quando a reencontra. Ele tinha lembranças que constituíam uma memória da personagem tanto física quanto psicológica.

- Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatoes de sete-léguas, lembra?
- Foi para falar sobre isso que você me fez subir até aqui? – perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro.
- Hem?! (TELLES, 1970, p. 1).

Aquela imagem de uma mulher que usava roupas esportivas e sapatoes de sete-léguas, nas lembranças de Ricardo, não existe mais física, social e psicologicamente. Agora, paira no ar a elegância de uma mulher que se preocupa com a lama em seus sapatos e que fuma uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado. Raquel é uma mulher que está em um relacionamento por interesses muito particulares, e Ricardo parece não se conformar com a atual condição dela. Ela não quer mais ser percebida a partir das lembranças de seu ex-namorado. Tanto que, quando Ricardo lembra e destaca “os velhos tempos”, ela o repreende. Faz pouco caso desta lembrança.

Raquel intenta excluir da memória essa lembrança pessoal e a rechaça completamente. É óbvio que ela lembra suas experiências antes de seu relacionamento atual. O que ela faz é um reordenamento e seleção destas lembranças, isto é, ela recorta o que lhe convém e, no momento de seu encontro com Ricardo, não lhe convém lembrar da experiência vivida e dos difíceis momentos de sua precariedade financeira quando namorava Ricardo.

Trata-se aqui de um esquecimento ou de uma memória impedida? Segundo Paul Ricoeur (2007), uma das convicções mais firmes de Freud foi afirmar que o passado vivenciado é indestrutível, pensamento que ele tem em comum com Bergson. Entre muitas formas manipulativas do esquecimento, Freud destaca que o acontecimento de impressões e de acontecimentos vivenciados (de coisas que sabemos ou que sabíamos) e o esquecimento de projetos, que equivale à omissão e à negligência seletiva, revelam um lado ardiloso do inconsciente colocado em postura defensiva (RICOEUR, 2007, p. 454).

A atual posição social de Raquel não lhe permite lembrar, com exatidão,

esses momentos inoportunos e ela desdenha constantemente da situação financeira de Ricardo.

Perplexa, ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

– Ver o pôr do sol! Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

– Raquel minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível (TELLES, 1970, p. 2).

Esta nova imagem de mulher fina e elegante foi um processo de construção e transformação em função do *outro*, pois “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p. 204). Raquel mostra uma preocupação com o atual namorado e com o fato de ele descobrir a sua vida passada.

– Foi um risco enorme Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos.

Se nos pilha juntos, então sim, quero ver se alguma das suas fabulosas ideias vai me consertar a vida.

– Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo.

Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão. (TELLES, 1970, p. 4).

Memória e identidade são processos que podem ser constantemente negociados e não são unicamente atributos como substâncias exclusivamente físicas ou essências naturalmente imanentes a uma pessoa ou a um grupo. “A memória e a identidade são significados e valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e, particularmente, em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p. 205). O sujeito constantemente é compelido por esse processo que se aglutina em experiências pessoais, vida afetiva, reações emocionais, etc.

### 3. MEMÓRIA SUBTERRÂNEA E A *VIA-CRÚCIS* DE RAQUEL

Como dito anteriormente, Lygia Fagundes Telles constrói o testemunho de um crime passional. O ponto crucial que talvez tenha mobilizado o planejamento de um ex-namorado matar e silenciar eternamente a sua ex-companheira reside na desigualdade social e na ligação afetiva desta com outro homem. Efetivamente, o motivo principal de tal ato fica atribuído às fortes emoções despertadas pelo ciúme. Esses fatores influenciaram diretamente o desenvolvimento de toda a ação, história e memória presentes na narrativa.

É visível a marcação da diferença de classe social entre Raquel e Ricardo, o que implica em um processo de inclusão e exclusão de oportunidades e estilos de vida. Ricardo planejou o encontro para *relembrar* os velhos tempos e tentar retomar o relacionamento. Raquel faz questão de não se lembrar deste tempo e deseja, definitivamente, terminar esta relação. O ex-namorado busca um 'nós' (ele e Raquel), mas Raquel quer apenas um "eu" e "ele" (ela e o seu atual namorado). O nós e o ele são reflexos de uma relação de poder. O tempo todo Raquel afirma para Ricardo sua atual condição social e financeira, tanto que a personagem usa o grau superlativo absoluto sintético (riquíssimo) para marcar uma diferenciação financeira entre o ex-namorado e o atual namorado, expressas na passagem abaixo:

- Ele é tão rico assim? - Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro... (TELLES, 1970, p. 3).

Como uma *via-crúcis* a difícil passagem da personagem se inicia quando ela aceita o convite de Ricardo para ver o pôr do sol em um cemitério abandonado. Raquel aceita relutante, mas acaba sendo convencida pelo rapaz. Durante todo o percurso, o casal revive lembranças e memórias. O testemunho do crime só se constrói a partir da fusão de memórias passadas do casal com memórias atuais. Quase de forma ritualística, o jovem evoca o passado e luta contra o presente. Por outro lado, em certos momentos, Ricardo é acometido por algo que muda completamente o seu semblante e comportamento. Talvez, alguma memória subterrânea que ele guarda e nunca será revelada a ninguém.

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram. (TELLES, 1970, p. 3).

Segundo Pollak (1989), a principal característica das *memórias subterrâneas* é o silêncio em que estão imersas, e que só pode ser interrompido em momentos de crise, sobressaltos bruscos, quando, então, são despertados os ressentimentos acumulados no tempo, causados por traumatismos, que não puderam ter sido expressos publicamente, anteriormente, por variadas razões. Ricardo lembra acontecimentos traumáticos que o expuseram ao sofrimento psicológico, um quadro em torno de uma memória complexa e dolorida que sempre o acompanha. Ele destaca um trauma do passado (a morte da prima) e o coloca no presente ao fazer com que Raquel o acompanhe para ver um pôr do sol inesquecível e formidável. Certas lembranças não são fáceis de serem recordadas, “porque temos de esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem” (HALBWACHS, 2006, p. 53).

- Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr-do-sol. Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

- Sua prima também?

Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. (TELLES, 1970, p. 3).

Ele narra a lembrança de seus familiares e especificamente de sua prima, de forma sentimental e nostálgica, para que Raquel continue a sua caminhada. Esta caminhada tortuosa que parece não acabar nunca é como uma Via-crúcis, o cortejo fúnebre da personagem.

- Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. - Deu-lhe um rápido beijo na face.

-Chega, Ricardo, quero ir embora.

- Mais alguns passos...

- Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! -

Olhou para trás. - Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

- A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio - lamentou ele, impelindo-a para a frente (TELLES, 1970, p. 3).



As lembranças vinculadas ao sofrimento de Ricardo sobrevivem por intermédio de sua transmissão, de forma profunda, para Raquel. No entanto, ele não será mais o único detentor desta memória, pois a partilhou com Raquel, o narrador e o (a) leitor (a) que também serão incluídos nela. Este testemunho produzido por um sujeito pertencente a uma classe social empobrecida, e que, naquele momento, aciona uma lembrança constitutiva de memórias consolidadas em relações com outros membros de sua família, demonstra a força da paixão que envolve o personagem. Este processo de confissão e de testemunhar o crime sobrevive, a partir do momento, em que uma memória passada se funde ao momento presente. Por um momento, Raquel se solidariza com o testemunho de Ricardo sobre a sua prima, bem como a história de uma morte tão prematura. Aqui, neste ponto, a história de vida do rapaz “aparece como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação” (POLLACK, 1992, p. 211) que oscilam na personagem, e mobilizam emoções como medo, empatia e repulsa.

Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza-dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

Vocês se amaram?

Ela me amou. Foi a única criatura que... Fez um gesto. - Enfim, não tem importância. (TELLES, 1970, p. 3).

A identidade de ambos é, então, sobredeterminada pelas suas diferenças. O local onde ocorre este encontro, um cemitério abandonado, propicia o surgimento de algumas lembranças que constituem memórias como se estivessem arquivadas definitivamente no passado e que, na verdade, são mobilizadas fortemente em um espaço conflituoso e mórbido. O que era um espaço aparentemente abandonado, sem vida, tempo e história, passa a ser um lugar de sofrimento e dor para Ricardo e um espaço de aprisionamento e de silenciamento eterno para Raquel. Assim: “o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’, entretanto, é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2013, p. 14).

Um lugar tende a nos transmitir a ideia de segurança e estabilidade, já o espaço é algo que permite o movimento e que pode nos aprisionar, de acordo com as nossas experiências, percepções e circunstâncias. Por exemplo, um prisioneiro pode

considerar uma cela um lugar, na medida em que faz alterações no ambiente para torná-lo mais humano e próximo de um lar, mas não terá espaço, pois a sua liberdade foi tolhida e o seu direito de ir e vir retirado. É por esta razão que, na narrativa para Ricardo o cemitério é um lugar, abriga muitas de suas lembranças e ativa algumas memórias traumáticas, enquanto para Raquel, este pode ser simplesmente um espaço que abriga os mortos. Vale lembrar que lugar, espaço e memórias passam constantemente por transformações, reconfigurações e reinterpretações por meio do tempo – às vezes esses aspectos passam por mudanças de origem pessoal, social e psicológica.

Da mesma forma, associada ao quadro que temos desse lugar e ao mesmo tempo compreendida em todas as sucessões de imagens e pensamentos que se cruzam nesse ponto e outrora nos conduziram até ali, absolutamente não teria sido impossível reencontrar esta lembrança – faltou-nos a força da atenção e da reflexão, mas bastaria que seguissemos mais adiante uma dessas séries de lembranças, que nos teriam levado em pensamento de volta aos locais onde estivéssemos outrora e onde o acaso nos fez passar de novo (HALBWACHS, 2006, p. 54).

Ricardo e Raquel transmitem suas experiências e memórias sobre um mesmo fato de forma diferente. É possível observar também que a organização da vida tanto de Raquel quanto de Ricardo, os levará para caminhos opostos. A cada memória ou lembrança lembrada estão embutidos diversos e diferentes valores sociais, éticos e morais em que ambos estão inseridos. São visíveis suas percepções individuais, histórias de vida e novos estilos de viver a vida.

Ricardo carrega em sua experiência um trauma, uma memória que não se extingue, a lembrança de sua prima e de seus olhos que o perseguem. Os olhos de Raquel e os da prima de Ricardo são idênticos, o que move a sua paixão e a recusa pela perda. A morte de Ana Emília, prima de Ricardo, ainda, o assombra, fazendo-o questionar o porquê de ela ter morrido tão jovem. Talvez esta prima nunca tenha existido. Teria sido apenas um subterfúgio para que ele levasse Raquel para a morte? Se de fato existiu ou não uma prima, nunca iremos saber.

Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... - Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. - Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti... Um baque metálico decepcionou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso – meio inocente, meio malicioso. (TELLES, 1970, p. 4).

Ele repete constantemente que os olhos da prima eram iguais aos de Raquel como uma espécie de mantra, como uma tentativa de fazê-la completar a sua marcha fúnebre, pois, ao longo da narrativa, Raquel se mostra relutante em continuar a caminhada. Ela não gosta do local de encontro escolhido por Ricardo. Entretanto, o cemitério será a sua prisão e o seu silenciamento eterno. A jovem foi encarcerada viva, sem a possibilidade de ter uma lápide própria ou se despedir apropriadamente de seus conhecidos. Ninguém nunca saberá de seu paradeiro e de seu próprio fim. Somente o narrador e o (a) leitor (a) são testemunhas deste crime bárbaro.

Paul Zawadzki (2004, p. 367), lembra-se de excertos de Nietzsche como um dos primeiros filósofos a atribuir importância “ao ressentimento”, reconhecendo que nada faz você se consumir mais rapidamente que o ressentimento e seus afetos. Estabelecendo proximidades entre sentimentos individuais e emoções coletivas, Zawadzki, busca compreender o ressentimento como negatividade para uma ação construtiva do sujeito:

A baixeza do homem do ressentimento sua maldade de “ruminante da memória”, revela-o como um homem ferido. Devorado pelo rancor, ele extrapola, mas é, sobretudo, extrapolado por uma memória intestinal que o invade mesmo a contragosto. Bem que ele gostaria de esquecer, mas a lembrança o domina. Contra sua vontade, incessantemente, sua memória lhe apresenta o passado. Sua sede de vingança é o sinal deste sofrimento (ZAWADZKI 2004, p. 367).

A experiência de Ricardo, na narrativa, parece submetê-lo à prisão do ressentimento com Raquel. Entre outras fortes emoções, o sentimento de que fora injustiçado parece predominante. Para Zawadzki, este é o sentimento primeiro do homem do ressentimento, a injustiça. Desse ponto de vista, se constituiria uma *memória obsessiva*, que guarda, retrai para não esquecer, para manter a ferida e reconhecer o seu direito a uma justiça, que pode bem ser alcançada pela vingança pessoal.

#### 4. A IDENTIDADE FRAGMENTADA DE RICARDO E O SENTIMENTO DE LUGAR

Não é a história de Raquel que tem maior peso no conto, mas sim a de Ricardo, pois não sabemos se as lembranças relatadas pelo rapaz são de fato verdadeiras. Para Halbwachs (2006), a memória é trabalho de construção. O sujeito ordena e seleciona aquilo que lhe oferta mais significativo no presente. Já para Geertz (2001) ao analisar essa interpretação nos constituímos em intérpretes de segunda mão, ou seja, interpretamos a partir de uma primeira interpretação daquele sujeito. Para o trabalho com a Memória não precisamos saber se a interpretação é verdadeira, mas

sim que ela foi constituída daquela maneira.

Tudo que é relatado por Ricardo pode não ter passado de uma invenção e de um posicionamento, de acordo com os “campos sociais” em que ele estava atuando. Talvez, Ricardo não estivesse morando em uma pensão, ou talvez não estivesse com nenhuma dificuldade financeira. Ou então, tudo o que Raquel sabia ou viveu com ele não passou de experiências marcadas por diferentes pontos de vista, ou de uma grande encenação. Entretanto, a narrativa constrói uma situação em que as diferenças marcantes entre Ricardo e Raquel situam interesses particulares e diversos em relação a seus desejos e diferentes identificações com papéis e mediações sociais.

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra. Um exemplo é o conflito existente entre nossa identidade como pai ou mãe e nossa identidade como assalariado/a. (WOODWARD apud SILVA, 2000, p. 31-32).

Constantemente nossa identidade é construída e negociada. As diferentes circunstâncias e contextos nos levam a um jogo de adequação. Segundo Woodward (2000), as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições.

- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima.

Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... - disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio.

Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento. – Você fez bem em vir (TELLES, 1970, p. 1-2).

As identidades são fluidas e não possuem uma essência e fixidez, especialmente, em nossa contemporaneidade. Não existem certezas sobre Ricardo. A única certeza no conto é a história da infidelidade de Raquel e a sua trágica morte. A marcação de fatos e certezas reside, exclusivamente, na personagem feminina querer terminar o relacionamento por medo de perder as comodidades do seu novo status

social.

Ao longo da escrita de Lygia Fagundes Telles, são visíveis as diferenças construídas pelo ex-casal. Estas diferenças foram construídas por meio de símbolos: a lama nos sapatos da jovem, o táxi, as luvas, os cigarros, o blusão largo azul marinho, os cabelos crescidos e desalinhados, etc. "A marcação da diferença é a base da cultura porque as coisas e as pessoas ganham sentido por meio da atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório" (WOODWARD apud SILVA, 2000, p. 39).

Existem marcações de gênero expostas no conto da Lygia. Raquel, como mulher, está marcada pelas referências sociais de passividade, busca de um casamento seguro financeiramente e cuidado para não magoar mais Ricardo e, ainda, pela punição que este considera que ela merece por ter traído suas expectativas e projetos com ela. Ele, em sua masculinidade e autoestima feridas, corresponde aos atributos heteronormativos, no sentido de restituir suas perdas com o assassinato da mulher desejada.

As diferenças entre ambos não são exclusivamente identitárias, mas também espaciais. As formas como eles percebem o cemitério como lugar é completamente divergente. Tuan (2013, p. 22) destaca que "o espaço pode ser experienciado de várias maneiras: como a localização relativa de objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares, e – mais abstratamente – como a área definida por uma rede de lugares".

Raquel vê o cemitério como um lugar miserável e deprimente, já Ricardo como um lugar de possibilidade para uma vingança. Segundo Relph (2012), um cemitério possui características de um espírito de lugar, isto é, uma ideia que

[...] deriva da crença segundo a qual certos lugares foram ocupados por deuses ou espíritos cujas qualidades sobrenaturais eram evidentes no cenário, cuja presença pode ser reconhecida por meio de cerimônias religiosas e construções. Os sítios de igrejas e templos são frequentemente identificados pelo poderoso espírito de lugar (RELPH, 2012, p. 19).

O que Raquel faz é identificar o lugar pelo seu espírito, moldado pela representação social do cemitério como um local de fluxos de energias negativas e de uma identificação muito forte com a extinção, o prazo final da vida, capaz de abalar os sentimentos, o emocional e causar dores no corpo. É um local de atmosfera pesada, sombria e gélida.

- É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, que deprimente - exclamou ela, atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de

cabeça decepada. – Vamos embora, Ricardo, chega.

- Ali, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê?

Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja, e você se queixa (TELLES, 1970, p. 2).

Ricardo é destacado como aquele que apresenta um sentimento de lugar. Ele aprecia o cemitério e o que considera suas qualidades. Raquel queria um encontro normal em um bar, mas Ricardo queria mostrar um fabuloso pôr do sol. A personagem feminina apresenta pouco interesse ou um sentido desenvolvido de lugar. Para ela um cemitério definitivamente não é um lugar. O sentido de lugar é “uma capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades. Há indivíduos que têm pouco interesse por lugares e preferem plantas ou lojas, ou pessoas que não têm ou possuem um sentido pouco desenvolvido de lugar” (RELPH, 2012, p. 24).

O personagem masculino cria uma história de ligação e de raízes com o cemitério, onde ocorre a narrativa. Segundo Ricardo, é lá que se encontram as suas raízes - pelo menos, é esta sensação que ele passa, induzindo Raquel a continuar a andar até o mausoléu de seus familiares. Portanto, ele apresenta um intenso sentimento de pertencimento ao cemitério. Ele fala com propriedade e com a familiaridade diferente de qualquer outro visitante. Ricardo, com sua história e o sentimento de identificação com o local, chega a convencer que conhece realmente o cemitério em toda a sua extensão. O conhecimento deste lugar o levou a planejar friamente a morte de sua ex-amada com uma desculpa de levá-la a ver o mais formidável pôr do sol. Assim, “o lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012, p. 31).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O personagem de Ricardo pode ser interpretado como uma vítima, atormentada por suas lembranças, que foram profundamente ativadas com a possibilidade de Raquel terminar o relacionamento. Tal fato o impossibilitou de adiar seus planos, levando-o a consumir a morte de Raquel. Somente com a morte e o esquecimento mútuo dos dois seria possível restabelecer as perdas e apagar o sofrimento. No caso do ressentimento, “a justiça”, ou a “vingança pessoal” e tudo o que os dois personagens viveram se encerrou no limiar entre a vida e a morte. O (a) próprio leitor (a) guardará para sempre a narrativa do conto na esfera daquilo que foi uma experiência vivida por tabela, de tal modo a produzir reiterações de marcações

sociais distintas em relações de poder.

A construção de uma memória subterrânea e privada do que aconteceu, com Raquel, possivelmente, sempre acompanhará Ricardo. Nada poderá causar um efeito de esquecimento sobre o que ele fez com a personagem. Como sujeitos leitores dessa narrativa, creditamos à personagem de Ricardo a tormenta de uma experiência conflituosa e apaixonada. Acreditamos que ele sempre carregará consigo a imagem de Raquel presa implorando para que ele não a deixasse ali. Sua memória já tão repleta de lembranças dolorosas poderá ser acrescida com tais fatos novos e não menos sofridos. Durante todo o conto, Lygia nos faz crer que aquele era apenas um encontro às escondidas, que possivelmente terminaria tudo muito bem. No entanto, ao término do conto e, até mesmo com o título, imaginamos algo romântico e nunca tão trágico. As únicas testemunhas de tal crime são Ricardo, o narrador e o (a) leitor (a).

Em Halbwachs, os quadros sociais da memória deveriam ser estudados separadamente, de maneira a situar os sujeitos em diferentes relações grupais e coletivas, em um determinado lugar e tempo. Ao mesmo tempo, ele flexibiliza as fronteiras sociais desses quadros, (família, escola, vizinhança, trabalho, formação profissional etc.), ao destacar que ao estarmos em um certo grupo, carregamos conosco, a presença de outras pessoas com quem convivemos fora daquele grupo, por meio de nossas lembranças e, na narrativa, podemos perceber claramente as diversas modalidades de inserção dos sujeitos em diversos espaços e temporalidades, a partir do enquadramento nas relações amorosas.

Classe social, gênero, regionalidade são intersecções expostas na narrativa. O amor que rima com a tragédia e a dor são, sem dúvida, uma relação de poder, de desigualdade, portanto de incompatibilidade de interesses dos sujeitos em questão, que se movimentam em diferentes quadros sociais, ao longo de suas vidas. Raquel segue, ao final, os mandatos de Ricardo para, finalmente, ter seu castigo, decidido por ele, que ao pensar ter destruído uma memória, constitui uma outra, mais sólida e dolorosa que a anterior.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Pedagogia e em Letras com habilitação em Língua Inglesa.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais, professora do departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão e coordenadora do grupo de pesquisa em Gênero, Memória e Identidade (GENI/UFMA).

## REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>

Acesso em: 10 jun. 2016

\_\_\_\_\_. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: JR, MARANDOLA JR, Eduardo (org). *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol*, 1970. Disponível em: <[www.institutogalileu.com.br](http://www.institutogalileu.com.br)> Acesso em: 11 jul. 2016.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: RJ, Editora Vozes, 2000.

ZAWADZKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: BRESCIANE, Stella. *Memória e res(sentimento). Indagações sobre uma questão da sensível*. SP: Campinas, 2004, p. 371-390.